

Evitando um “lockdown” climático

Janela para lançamento da revolução climática está se fechando rapidamente
Por Mariana Mazzucato

23/09/2020 05h00 Atualizado há 3 dias



Com a disseminação da covid-19 neste ano, governos ordenaram “lockdowns” para evitar que uma emergência de saúde pública fugisse de controle. Num futuro próximo, o mundo poderá ter de recorrer aos “lockdowns” novamente, para enfrentar uma emergência climática.

O deslocamento de gelo no Ártico, os incêndios florestais violentos no oeste dos Estados Unidos e vazamentos de metano no Mar do Norte são todos sinais de alerta de que estamos nos aproximando de um ponto crítico nas mudanças climáticas, quando a proteção da civilização futura exigirá intervenções dramáticas.

ADVERTISING

[Ads by Teads](#)

Como os mercados não conduzirão uma revolução verde por conta própria, políticas governamentais precisam guiá-los nessa direção. Isso exigirá um Estado empreendedor disposto a inovar, assumir riscos e investir juntamente com o setor privado

Sob um “lockdown climático”, os governos limitariam o uso de veículos particulares, proibiriam o consumo de carne vermelha e imporiam medidas extremas de economia de energia, enquanto as empresas de combustíveis fósseis teriam de parar com a exploração. Para evitar tal cenário, precisamos mudar o capitalismo.

Muitos acham que a crise climática é diferente das crises de saúde e econômicas causadas pela pandemia. Mas as três crises - e suas soluções - estão interligadas. A própria covid-19 é uma consequência da degradação ambiental: um estudo recente a chamou de “a doença do Antropoceno”. Além disso, as mudanças climáticas agravarão os problemas sociais e econômicos realçados pela pandemia.

A crise climática é também uma crise de saúde pública. O aquecimento global provocará a degradação da água potável e permitirá o avanço de doenças respiratórias associadas à poluição. Segundo algumas projeções, 3,5 bilhões de pessoas no mundo estarão enfrentando um calor insuportável até 2070.

Resolver essa crise tripla exige reorientar a governança corporativa, as finanças, políticas e sistemas de energia para uma transformação econômica “verde”. Para conseguir isso, três obstáculos precisam ser removidos: empresas que são motivadas pelos acionistas, em vez das partes interessadas, finanças que são usadas de maneiras inadequadas e impróprias, e governos que são baseados em pensamentos econômicos ultrapassados e premissas falhas.

A governança corporativa precisa agora refletir as necessidades das partes interessadas, em vez dos caprichos dos acionistas. Construir uma economia inclusiva e sustentável depende da cooperação produtiva entre os setores público e privado e a sociedade civil. Isso significa que as empresas precisam ouvir os sindicatos e coletivos de trabalhadores, grupos comunitários, defensores do consumidor e outros.

Do mesmo modo, a ajuda dos governos às empresas precisa envolver menos subsídios, garantias e socorros, e mais a formação de parcerias. Na atual crise, por exemplo, o governo francês condicionou seus socorros à Renault e Air France-KLM a compromissos de redução das emissões de poluentes. França, Bélgica, Dinamarca e Polônia negaram ajuda estatal a qualquer empresa domiciliada em paraísos fiscais designados pela União Europeia e impediram grandes recebedores de pagar dividendos ou recomprar suas próprias ações até 2021. Do mesmo modo, as empresas americanas que receberam empréstimos do governo por meio da lei Coronavirus Aid, Relief, and Economic Security (CARES), foram proibidas de usar os recursos para recomprar ações.

Muito mais é necessário para se conseguir uma recuperação ecológica e sustentável. Por exemplo, os governos poderiam usar o código tributário para desencorajar as empresas de usar certos materiais. Eles também poderiam introduzir garantias de emprego nos âmbitos das empresas, para que o capital humano não seja perdido ou corroído.

As finanças também precisam de reparos. Durante a crise financeira global de 2008, governos injetaram muita liquidez nos mercados. Mas como não a dirigiram para as boas oportunidades de investimentos, grande parte desses recursos acabou num setor financeiro inadequado ao propósito.

Alguns governos já lançaram iniciativas de crescimento sustentável. A Nova Zelândia desenvolveu um orçamento baseado em medidas de “bem-estar”, em vez do PIB, para alinhar os gastos públicos a objetivos mais amplos, enquanto a Escócia estabeleceu o Scottish National Investment Bank, um banco orientado para missões.

Junto com o encaminhamento das finanças em direção a uma transição verde, precisamos responsabilizar o setor financeiro por seu impacto ambiental frequentemente destrutivo. O banco central holandês estima que a pegada de biodiversidade das instituições financeiras da Holanda representa uma perda de mais de 58.000 quilômetros quadrados de natureza intocada - uma área 1,7 vez maior que a própria Holanda.

Como os mercados não conduzirão uma revolução verde por conta própria, as políticas governamentais precisam guiá-los nessa direção. Isso exigirá um Estado empreendedor disposto a inovar, assumir riscos e investir juntamente com o setor privado.

No Reino Unido e nos EUA, políticas industriais mais abrangentes continuam apoiando a revolução da tecnologia da informação. De modo parecido, a União Europeia lançou recentemente o European Green Deal, Industrial Strategy, and Just Transition Mechanism, que está agindo como motor e bússola do fundo de recuperação “Next Generation EU” de €750 bilhões de euros (US\$ 888 bilhões).

Finalmente, precisamos reorientar nosso sistema energético em torno das energias renováveis - o antídoto às mudanças climáticas e a chave para tornar nossas economias seguras do ponto de vista energético. Desse modo, precisamos remover os interesses dos combustíveis fósseis e a mentalidade de curto prazo dos negócios, finanças e política.

Instituições financeiramente poderosas como bancos e universidades precisam parar de investir em empresas de combustíveis fósseis. Enquanto elas não fizerem isso, a economia baseada no carbono prevalecerá.

A janela para o lançamento da revolução climática - e no processo conseguir uma recuperação inclusiva da covid-19 - está se fechando rapidamente. Precisamos nos mexer logo se quisermos transformar o futuro do trabalho, do trânsito, do uso de energia e tornar o conceito de “uma boa vida ecológica” uma realidade para as próximas gerações. De um jeito ou de outro, mudanças radicais são inevitáveis; nossa tarefa é garantir que conseguiremos a mudança que queremos - enquanto ainda temos uma escolha.

(Tradução de Mário Zamarian)

Mariana Mazzucato, professora de Economia da Inovação e Valor Público do University College London e diretora-fundadora do UCL Institute for Innovation and Public Purpose, é autora de “The Value of Everything: Making and Taking in the Global Economy” e “The Entrepreneurial State: Debunking Public vs. Private Sector Myths